

A NATUREZA NOS POEMAS HOMÉRICOS

Maria Leonor Santa Bárbara

Falar de natureza é abordar um tema tão vasto quanto o próprio termo indica. Na verdade, se atentarmos no seu étimo, o vocábulo latino *natura*, constatamos que ele pode ser usado nas mais diversas acepções, bem como o seu correlativo grego, φύσις. Significados como os de origem, nascimento, causa de existência, desenvolvimento, maneira de ser, aparência, tamanho, temperamento, aliados aos que usualmente atribuímos a natureza, não lhe são de todo estranhos. Significa isto que, ao falar de natureza não estamos necessariamente a falar do ambiente que nos rodeia, ou de locais mais ou menos atractivos, mais ou menos agradáveis, mais ou menos exóticos, mas podemos também estar a falar da natureza, do carácter do próprio indivíduo. E isto aplica-se sobremaneira aos Poemas Homéricos, já que neles encontramos a natureza abordada nesta dupla acepção: descrições da natureza na sua acepção mais comum a par da própria natureza humana.

Dito isto, podemos dividir a nossa comunicação em duas partes: uma primeira relativa ao carácter do herói homérico e uma segunda que abordará o modo como são feitas as descrições que o poeta nos apresenta da natureza.

I. O herói homérico

O herói homérico é acima de tudo um herói épico e, apesar de esta nos parecer ser uma afirmação óbvia e pouco merecedora de muito mais atenção, a realidade mostra o contrário, já que a caracterização do herói épico não é algo de constante, fixo, na literatura, nem mesmo na literatura grega antiga¹. São dois os traços essenciais do herói homérico, claramente apresentados por

¹ A justificar esta afirmação temos o poema épico de Apolónio de Rodes, *Os Argonautas*, em pleno período helenístico, que nos mostra um herói cujas características são em tudo diversas das dos heróis de Homero.

Fénix na *Ilíada*²: Peleu encarregara-o da educação do filho para que o ensinasse a falar nas assembleias e a combater corajosamente. São estes os traços mais marcantes dos chefes de ambos os exércitos. O domínio da palavra tornava-os aptos a convencer os outros nas assembleias³, e são inúmeras as que encontramos na *Ilíada*. Era aos líderes que cabia a tarefa de discursar, de apresentar as suas razões, as suas sugestões, até mesmo de decidir. O grosso do exército limitava-se a apoiar, ou não, sonoramente, as propostas que lhe parecessem melhores.

A par desta qualidade encontramos uma outra de não menor importância: o seu valor guerreiro. Os chefes combatem valorosamente à frente dos seus soldados, incitando-os⁴. Os heróis têm uma honra a defender. São eles que recebem a maior parte do saque, como prémio pelo seu valor. Recordem-se a este respeito as palavras que Sarpédon dirige a Glauco⁵, quando estão prestes a atacar os navios gregos: por que razão, na Lícia, são tão honrados pelo povo? Porque recebem uma porção maior de carne, de bebida ou possuem uma maior extensão de propriedades? Porque são olhados quase como se fossem deuses? Como contrapartida têm um dever para com o povo, para com os soldados do seu exército: combater até ao limite na linha da frente, mostrando aos seus homens que merecem as honrarias que lhes concedem e alcançando a glória imortal.

Embora não haja descrições físicas pormenorizadas dos heróis homéricos (excepção feita ao facto de Menelau ser louro ou de Pátroclo possuir olhos lindos e meigos, por exemplo), eles são sempre referidos pelo poeta como sendo belos, fortes, corajosos. Temos, assim, uma clara associação da beleza física ao seu valor guerreiro: eles não são qualificados de belos, porque possuam realmente uma beleza física notável – na verdade, nada há no poema que o garanta ou contrarie; eles são belos, porque fortes, vigorosos, corajosos e intrépidos. Note-se que só duas personagens em toda a *Ilíada* são referidas como sendo feias: Dólon e Tersites. O primeiro tem uma curta aparição no canto X, quando Gregos e Troianos decidem realizar uma pequena

² *Ilíada*, IX. 434-443.

³ Saliente-se que, embora os estudos de retórica só se tenham iniciado com os Sofistas e na Magna Grécia, a preocupação com a expressão oral e com as técnicas do discurso são uma constante na mentalidade grega desde épocas remotas.

⁴ Tomemos como exemplo as palavras de Heitor (*Ilíada*, XV. 494-499) ao exortar os Troianos ao combate: “Combatei todos, em massa, junto das naus! Aquele de entre vós que, ferido ou atingido de longe, alcançar a morte e o destino, que morra! Não são indignos os que morrem em defesa da pátria. A mulher e os filhos permanecerão a salvo, a casa e os bens intactos, no futuro, quando os Aqueus partirem para a sua pátria nas suas naus.”. Estas palavras de Heitor não são originais: encontramos o mesmo tipo de exortação entre os chefes gregos. Elas ilustram os valores defendidos: coragem, excelência, fama, glória e honra.

⁵ Cf. *Ilíada*, XII. 310-328.

expedição ao campo inimigo com o intuito de conhecer os seus preparativos. Ele oferece-se a Heitor como espião mas, ao ser interceptado por Ulisses e Diomedes (os Gregos que vão expiar o acampamento troiano), revela-lhes, sob ameaça de morte, o modo como estão dispostas as tropas troianas. Acaba por ser morto e o seu nome nunca mais é referido em todo o poema. Dele o poeta só nos diz que era feio, mas que corria bem. Quanto a Tersites, este é, sem sombra de dúvida, o paradigma homérico do anti-herói: o mais feio de todos aqueles que partiram para Tróia, coxo, uma cabeça pontiaguda, eis alguns dos traços físicos com que o poeta caracteriza este homem. Além disso, era desordeiro e estava sempre pronto a contestar os reis. Ulisses chega mesmo a apodá-lo de cobarde e a bater-lhe com o ceptro de ouro, ferindo-o nas costas. A reacção de Tersites coaduna-se com a descrição que dele é feita: chora, de medo e de dor, provocando o riso geral. Estes dois exemplos comprovam que a caracterização dos heróis como sendo belos é muito mais moral do que física.

Para além dos aspectos referidos, há um outro que é relevante na caracterização do herói homérico: o modo como encara a morte. O herói da *Ilíada* é um guerreiro e, como tal, enfrenta constantemente o risco da morte. Isso, contudo, não o torna menos corajoso. Pelo contrário, aceita esse risco como uma condição necessária ao seu valor. As palavras de Aquiles⁶, quando decide avançar contra Heitor, patenteiam a atitude do herói perante a morte:

“E agora irei encontrar aquele que matou o meu querido amigo, Heitor. A morte recebê-la-ei, então, quando Zeus e os outros deuses imortais quiserem [que seja]. Na verdade, nem a força de Héracles, que era o mais querido a Zeus soberano, filho de Crono, evitou a morte; mas a moira e a ira cruel de Hera subjugaram-no. Também eu, se me está preparado um destino igual, jazerei morto. Mas agora quero alcançar uma glória notável.”

Trata-se, claramente, de uma atitude de aceitação: a morte é inevitável, dependendo apenas dos deuses e do destino. No entanto, há uma forma de superar a condição mortal do homem – a glória. Na verdade, são estas as ideias-chave desta passagem. Os heróis homéricos encaram a morte como uma forma de alcançar a glória pessoal, morrem por amor da vida, pois para eles uma morte gloriosa é um elogio perene do seu carácter, uma forma de alcançar a imortalidade⁷.

⁶ *Ilíada*, XVII. 114-121.

⁷ A este respeito vejam-se Nicole Loraux (“Mourir devant Troie, tomber pour Athènes: de la gloire du héros à l’idée de la cité”, in *La Mort, les Morts dans les Sociétés Anciennes*, pp. 27-43) e Jean-Pierre Vernant (“La belle mort et le cadavre outragé”, in *Ibidem*, pp. 45-76), que apresentam diversos argumentos que justificam esta afirmação. Ao mesmo tempo, saliente-se que para E. Rohde (*Psyche. El Culto de las Almas y la Creencia en la Inmortalidad entre los Griegos*) o monumento fúnebre, nos poemas homéricos, é uma forma de preservar a fama do herói, independentemente de qualquer motivo religioso.

Nem sempre assim será e um dos mais conhecidos heróis homéricos é-nos apresentado como alguém que luta para preservar a vida. Refiro-me a Ulisses, que é caracterizado pelo poeta, na invocação da *Odisseia*, como um homem cheio de expedientes, que sofreu muito com o objectivo de preservar a sua vida e a dos seus companheiros⁸. Os traços de Ulisses na *Odisseia* são os mesmos que o herói apresenta na *Ilíada*: força física, coragem e, sobretudo, astúcia. Esta é mais uma das características do herói homérico, embora nem todos a possuam ao nível de Ulisses. Ela é sinal de grande inteligência, denotando uma capacidade extrema para resolver satisfatoriamente as situações mais complicadas. Ulisses não a usa só em proveito próprio, mas também em proveito de todos os Gregos e isso vale-lhe o reconhecimento dos seus iguais bem como de diversas divindades. É à astúcia de Ulisses que se deve a tomada de Tróia; é a ela que ele deve o seu regresso a Ítaca com o respectivo restabelecimento da paz e da ordem em sua casa.

Muito mais poderia ser dito sobre a natureza humana nos poemas homéricos. Poderíamos, por exemplo, falar sobre as personagens femininas, patentes nos dois poemas, embora em maior número na *Odisseia*. Mas isso levar-nos-ia longe demais, deixando-nos sem tempo para a outra acepção da natureza que prometi no início da comunicação.

II. A natureza em Homero

Embora a temática dos dois poemas seja distinta, isso não é impeditivo de que em qualquer deles haja um recurso constante a descrições de natureza, seja para descrever os locais onde Ulisses aporta, na *Odisseia*, seja para referir fenómenos naturais, seja – como é frequente na *Ilíada* – para ilustrar a acção humana. Vemos, assim, no início do canto III da *Ilíada*, os soldados troianos, que avançavam para o combate, gritando à volta dos seus chefes, comparados a pássaros, como gritam os groux no Inverno, quando fogem do frio e da chuva; ou então, a poeira levantada pelos soldados gregos em andamento, comparada com a poeira levantada pelo vento Noto, o vento do sul, ao anoitecer, e que é favorável aos ladrões; ou ainda, Menelau, marchando à frente do exército e vendo Páris à distância, comparado ao leão que se deleita ao cair sobre o cadáver de um animal de grande porte, um cervo ou um bode. Já no canto anterior o poeta se servira de símiles para ilustrar o exército grego avançando em direcção à cidadela de Ílion: o brilho das suas armaduras de bronze é comparado ao fogo que destrói uma floresta e cuja

⁸ *Odisseia*, I. 1-2 e 4-6: “Fala-me, ó Musa, do homem de múltiplos expedientes, que muito errou, (...) ele padeceu, no mar, muitos sofrimentos no seu coração, tentando preservar a sua vida e obter o regresso dos seus companheiros. Mas nem assim os salvou, apesar da sua vontade.”.

chama-se vê ao longe; os homens são comparados a bandos de pássaros diversos (grous, cisnes, gansos) ou a enxames de moscas.

Estas referências não são únicas: no canto VII⁹, por exemplo, surgem-nos Apolo e Atena, que se sentam, junto do carvalho de Zeus, semelhantes a abutres a observar o combate; mais adiante¹⁰, Aqueus e Troianos são comparados ao Zéfiro e ao modo como este abala o mar, provocando vagas; e ainda vemos, no duelo entre Heitor e Ájax¹¹, os dois heróis comparados a leões e javalis lutando entre si. É uma presença constante da natureza sob a forma de símiles.

Mas é na *Odisseia* que as descrições da natureza assumem uma função preponderante. Em primeiro lugar, pela própria temática da obra. Sendo um poema do νόστος, da viagem de regresso, apresenta-nos, naturalmente, a descrição dos vários locais por onde Ulisses passou, umas mais pormenorizadas do que outras. Quem não conhece a descrição, feita pelo herói, da sua chegada à ilha dos Ciclopes, gigantes de um só olho, em cuja terra tudo brota sem que a terra seja semeada e lavrada? Uma terra onde predominam o trigo, a farinha, as videiras, com grandes montanhas e grutas profundas. Nas proximidades, existe uma outra ilha, arborizada e cheia de cabras selvagens. Nenhum homem alguma vez aportou a essa região, já que os Ciclopes não possuem navios nem quem os fabrique. Daí que as cabras vivam à vontade, sem receio de caçadores, e que os campos não estejam cultivados, muito embora a sua terra seja fértil.

A natureza, porém, também tem os seus perigos, e estes são-nos apresentados de modo diverso, como o fruto do lótus, de que se alimentavam os Lotófagos, doce como o mel, mas que fazia perder a memória a quem o comesse; ou como os perigos do mar, presentes na descrição dos dois monstros, Cila e Caríbdis, na descrição da ilha das Sereias, de canto sedutor, ou numa descrição mais palpável e realista, como a da chegada de Ulisses à ilha dos Feaces: Posídon, enviando ao herói sofedor uma terrível tempestade, destruíra a sua jangada, restando-lhe apenas agarrar-se a um dos troncos da mesma para sobreviver no mar violento. E assim vogou durante dois dias e duas noites. No entanto, ao amanhecer do terceiro dia, o vento amainou, o mar acalmou, a tempestade terminou. Ulisses pôde perceber, não muito longe, a terra segura. Nadou com todas as suas forças, ansioso por se libertar de tanto sofrimento. Mas, já perto da margem, ouviu o barulho das vagas batendo contra os rochedos e percebeu que não havia ali um porto onde os navios pudessem ser atracados, ou onde ele se pudesse abrigar; só falésias, recifes, rochedos. Ulisses sente-se desesperar: precisamente quando estava

⁹ Cf. *Iliada*, VII. 58-61.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, 63-65.

¹¹ Cf. *Ibidem*, 255 ss.

tão próximo de terra, depois de tanto esforço, tudo parecia ser vão, correndo o risco de ser atirado contra os rochedos por uma vaga. No entanto, nem tudo estava perdido. Atena velava por ele. Uma enorme vaga apanha-o e lança-o para longe de terra; Ulisses nada ao longo da costa, tentando descobrir algum local mais favorável que lhe permitisse chegar a terra. E assim chega à embocadura de um rio, sem rochedos, abrigada do vento. E é no seu estuário que o herói encontra abrigo, graças ao auxílio de Atena. É uma descrição precisa dos perigos do mar e da sua força perante um frágil ser humano, mostrando até que ponto a natureza pode ser nociva para o homem. Mas este episódio possui mais aspectos relevantes sobre a influência que a natureza pode exercer sobre o homem. Logo a seguir, recuperando o fôlego, Ulisses imediatamente se preocupa com os perigos que ainda lhe poderão estar reservados: se passar a noite na margem do rio, sofrerá com o frio e a humidade da noite, que o enfraquecerão; mas se se embrenhar um pouco na floresta, onde poderá dormir protegido pelas árvores, numa qualquer clareira, não correrá o risco de ser apanhado por alguma fera, que aproveitará a sua fadiga, o seu sono? Estas preocupações de Ulisses mostram-nos até que ponto o mundo exterior pode contribuir para uma mudança do carácter do homem, tornando-o desconfiado, com medo de ser enganado. Aliás, a desconfiança, a falsidade, o engano, tornam-se, para o herói da *Odisseia*, armas necessárias na sua luta constante pela sobrevivência. São características que estão presentes nos seus epítetos mais frequentes, símbolo das suas qualidades admiradas por homens e por deuses. São ainda características que estão presentes numa das personagens femininas mais importante de todo o poema – Penélope, elogiada, no canto II, por possuir qualidades idênticas às do seu marido.

As preocupações com a natureza são constantes. No canto XIV, vemos mais uma vez Ulisses, já em Ítaca na companhia do fiel porqueiro Eumeu, preocupado, numa noite chuvosa, com o Inverno e o mau tempo e evocando momentos semelhantes, de frio e de neve, nos seus tempos na planície de Tróia. Claro que o leitor sabe que esta evocação tem por objectivo experimentar o porqueiro, para ver se este é capaz de lhe ceder o seu manto; mas isso em nada diminui a nocividade que a natureza proporciona ao homem.

Mas a natureza nem sempre é nefasta para o homem. Regressemos ao final do canto V da *Odisseia* e à chegada de Ulisses à ilha dos Feaces. Depois da hesitação a que aludimos há pouco, Ulisses decide abrigar-se na floresta, deitando-se junto de duas árvores – uma oliveira selvagem, outra cultivada – saídas ambas de um mesmo tronco. Aí estava protegido da fúria dos ventos, dos raios brilhantes do sol e da chuva. Encontra ainda um enorme leito de folhas, como que à espera de o receber. Ulisses deita-se nele, cobre-se com folhas das árvores e dormiu descansadamente, só sendo acordado na manhã seguinte pelos risos das raparigas – Nausícaa e as suas com-

panheiras – que tinham ido lavar roupa no rio. Temos aqui a natureza protectora, a natureza que serve de abrigo ao homem, proporcionando-lhe algum conforto e, sobretudo, segurança.

Poderíamos ainda falar de muitos outros aspectos associados à natureza e que estão presentes na *Odisseia*, como é o facto de neste poema encontrarmos alusões a variadíssimos tipos de animais: o cão de Ulisses, já velho à espera da chegada do dono para poder morrer, os bois de Hélios, de aspecto maravilhoso, os companheiros de Ulisses transformados em porcos por Circe, para além de animais domésticos, como ovelhas e porcos. Deparamos também, distintamente do que sucede na *Ilíada*, com a participação dos elementos mais humildes da população, desde mendigos (o próprio Ulisses, na sua chegada a Ítaca e para não ser reconhecido pelos pretendentes, é transfigurado por Atena num mendigo) a pastores e porqueiros. Julgo, contudo, que os aspectos focados são ilustrativos de que, na *Odisseia*, as pessoas não habitam um espaço fechado e quase vazio, mas um mundo imenso, desconhecido em grande parte, e cheio de uma grande variedade de coisas, de inúmeras maravilhas, um mundo pronto a ser visitado, visto, conhecido, experimentado, um mundo que atia a curiosidade humana¹², um mundo que serve para o próprio homem se testar, enfrentando os seus perigos e saindo vencedor graças, não só à sua força, mas, sobretudo, à sua inteligência.

¹² Recordemos que quando Ulisses entra na gruta de Polifemo o faz, principalmente, por curiosidade, sofrendo as consequências daí resultantes.